



**A GUERRA E
AS GUERRAS
COLONIAIS
NA ÁFRICA
SUBSAARIANA**

**JOSÉ LUÍS LIMA GARCIA
JULIÃO SOARES SOUSA
SÉRGIO NETO
COORD.**

O futebol português e a Guerra Colonial: o império em jogo

César Rodrigues

0000-0001-9736-0173

Resumo: O Estado Novo, com as conquistas futebolísticas na década de 1960, reuniria diversas vitórias políticas, internas e externas. Assim, as equipas portuguesas, ao serem compostas por jogadores da metrópole e de outros originários das colónias africanas permitiriam, simultaneamente, exaltar dos valores da Nação e a pretensa unidade colonial do Império, e, simultaneamente, responder às acusações de preconceitos raciais na Metrópole e à comunidade internacional – que pretendia que Portugal concedesse a independência às suas colónias –, ao acentuar a ideia de uma nação multirracial e a especificidade do carácter português. O artigo procura analisar de que forma o potencial de representação política do futebol foi utilizado no período da Guerra Colonial Portuguesa como veículo de unidade colonial.

Palavras-chave: Unidade Colonial, Futebol, Multirracial, Seleção

Abstract: The «New State» Regime, with the football conquests in the 1960s, achieved several political victories, both internal and external. The Portuguese teams, being formed by players from the metropolis and others from the African colonies, would simultaneously allow the exaltation of the values of the Nation and the so-called colonial unity of the Empire. And, at the same time, they would allow to respond to the accusations of racial prejudice in the Metropolis and in the International Community - which wanted Portugal to grant independence to its colonies - by accentuating the idea of a multiracial nation and the specificity of the Portuguese character. The article intends to analyse how the potential of political representation of football was used in the period of the Portuguese Colonial War as a vehicle of colonial unity.

Keywords: Colonial Unit, Football, Multiracial, National Team

Introdução

Perfilha-se a ideia de que os estados-nação e os poderes políticos desencadearam políticas identitárias e sociais tendentes à instrumentalização do futebol, valorizando o seu elevado capital de representação nacional, «construindo-o como uma questão nacional simbólica e como um fator de pacificação social»¹.

A apropriação popular das seleções nacionais tem permitido, através do discurso dos seus agentes, reproduzir quotidianamente o que Billig² designa de «nacionalismo banal».

Se a atividade do futebol estiver enquadrada num quadro competitivo de sucesso de jogos internacionais com equipas e/ou seleções representativas de nações, a sua utilização pública por parte dos Estados e dos regimes associados a esse êxito tornar-se-á uma oportunidade natural e recorrentemente aproveitada.

Desta forma, uma seleção nacional de futebol acaba por se tornar um privilegiado instrumento de unidade nacional, uma vez que, na linha do defendido por Hobsbawm³, uma equipa composta por um conjunto de onze pessoas permite representar e de alguma forma materializar uma comunidade de milhões de pessoas.

Nesse sentido, procurar-se-á analisar de que forma o potencial de representação política do futebol foi utilizado no período da Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974) como veículo de unidade do império.

Pretende-se, pela análise da imprensa portuguesa, em especial a desportiva, avaliar a retórica associada a um período de algum sucesso desportivo no período da guerra colonial, nomeadamente os sucessos internacionais do Sport Lisboa e Benfica (1961 e 1962) e a

¹ NEVES, José e RODRIGUES, João – «Do amor à camisola – notas críticas da economia política do futebol». In NEVES, J. e DOMINGOS, N. – *A Época do Futebol. O Jogo visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2004, p. 173.

² Cf. BILLIG, Michael – *Ibidem*, p. 208.

³ Cf. HOBBSAWM, Eric – *Ibidem*, p. 200.

campanha da seleção portuguesa de futebol no Campeonato do Mundo (1966).

O recurso à imprensa advém do facto de esta refletir para a sociedade a sua interpretação da realidade, não sendo imune ao tempo histórico em que estava inserida.

A representação do mundo está intimamente ligada à perceção veiculada pela comunicação social. As pessoas tendem a formar as suas impressões sobre o mundo a partir dos órgãos de informação podendo adotar as interpretações dos jornalistas, transformando a comunicação social numa influência poderosa sobre a opinião pública⁴.

O objetivo será aferir se a difícil realidade política vivida em Portugal terá influenciado os discursos da imprensa sobre o futebol, nomeadamente para validar a propriedade das possessões coloniais africanas.

Até à década de 1960 e apesar de algumas vitórias sem grande projeção – do Sport Lisboa e Benfica na Taça Latina, em 1950 e da Seleção Militar, em 1958 – o futebol português não conseguira afirmar-se internacionalmente.

A criação de infraestruturas e a profissionalização do futebol⁵ terão contribuído para uma mudança na modalidade, permitindo a chegada de novas ideias de jogo a Portugal, veiculadas por treinadores estrangeiros.

Tais contributos terão ajudado, em parte, aos triunfos alcançados na década de 1960 e a uma cada vez maior popularidade do futebol.

⁴ Cf. GRABER, Doris – «Mediated Politics and Citizenship in the twenty-first century». *Annual Review of Psychology*. Palo Alto: Annual Reviews. ISSN 0066-4308. Vol. 55, 2004. p. 545-571.

⁵ A Lei n.º 2 104, de 30 de maio de 1960, instituiu o profissionalismo nas modalidades de futebol, ciclismo e pugilismo. Cf. Lei n.º 2 104. *Diário do Governo n.º 126/1960, I Série* (30 de maio de 1960).

As vitórias internacionais do Sport Lisboa e Benfica

Simultaneamente, a década de 1960, viria também a ficar marcada, em Portugal, pelo aumento da contestação interna e externa. O período de contestação política viria a ser ampliado a partir de 1961, ano em que um conjunto de acontecimentos precipitaria o início da guerra colonial portuguesa.

Nesse mesmo ano (1961), o Benfica viria a conquistar a primeira Taça dos Clubes Campeões Europeus⁶. O triunfo do Benfica representaria uma mudança de resultados desportivos no futebol português, com a obtenção da primeira grande vitória de expressão internacional. Após a final disputada em Berna, na Suíça, milhares de adeptos acolheriam os jogadores no regresso a Lisboa.

A receção aos jogadores, em que mais de «50 000 pessoas encontravam-se desde o aeroporto até à Avenida Brasil e mais de 10 000 automóveis circularam pela cidade», seria acompanhada pela imprensa com alusões ao carácter nacional da vitória, que dariam destaque a cartazes empunhados pela população, como «Viva o Benfica. Viva Portugal», «Prefiram os produtos nacionais» ou «Não sou do Benfica mas sou português»⁷.

É, neste contexto, evidente a valorização do facto de a equipa do Benfica – que disputou e ganhou a final – ter, na sua composição apenas jogadores portugueses, da metrópole e das províncias africanas.

Mesmo antes da final de Berna, o jornal desportivo *A Bola* fazia já referência ao «Dia da Raça» o qual seria festejado a 10 de junho e, naquele ano, dedicado «à nossa província de Angola, perturbada na sua paz pelos graves acontecimentos que ali se têm registado. Nada

⁶ O jogo ocorreu em Berna, Suíça, em 31 de mai. de 1961. A equipa do Benfica teve como oponente o Barcelona e o resultado foi favorável aos portugueses por 3-2, com golos de José Águas, Ramallets (na própria baliza) e Coluna.

⁷ In *Diário da Manhã*. Lisboa: Companhia Nacional Editora. Ano 31, 2 de jun. de 1961.

mais justo do que unir esforços e auxiliar os portugueses que, na terra muito portuguesa de Angola, lutam pela integridade do território nacional»⁸.

O mesmo periódico haveria de, na análise após o jogo, reforçar a justeza da posição oficial de Portugal sobre as suas colónias ultramarinas, numa fase em que «maus desígnios se empenham em pôr em causa a nossa obra civilizadora e em atacarem com sofismas a atualíssima invenção lusitana das sociedades multirraciais», afirmando que o Benfica, contando apenas com jogadores da metrópole, de Angola e de Moçambique, seria um «argumento vivo, palpitante da nossa irradiação pela orbe e da nossa integração de gentes e de raças», pelo que se devia felicitar «o campeão multirracial e unicamente português, símbolo vivo de uma sociedade que, por sempre ter sabido sê-lo, não teme que lho ponham em dúvida ou que não o compreendam os cegos de espírito»⁹.

Também a política se aliaria ao momento futebolístico, com os jogadores a serem recebidos com honras de Estado e agraciados com a Medalha de Mérito Desportivo pelo Presidente da República, Américo Tomás, e pelo Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar.

Ao homenagear o futebol, o governo – à semelhança da imprensa – sublinhava a especificidade de o clube ter alinhado apenas com jogadores de nacionalidade portuguesa – da metrópole ou de origem colonial –, numa fundamentação que legitimava a unidade imperial, defendia a nação multirracial e respondia «às permanentes acusações de existência de preconceitos raciais na metrópole e à pressão da comunidade internacional que pretendia a independência das possessões ultramarinas»¹⁰.

⁸ In *A Bola*. Lisboa: Sociedade Vicra Desportiva. Ano 16, 27 de mai. de 1961.

⁹ Idem, 3 de jun. de 1961.

¹⁰ PINHEIRO, Francisco – «Futebol e Política na Ditadura – Factos e Mitos». In TIESLER, Nina Clara e DOMINGOS, Nuno – *Futebol Português – Política, Género e Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012, p. 74.

No ano seguinte (1962), o Benfica reconquistaria a competição, vencendo o Real Madrid¹¹. O encontro realizar-se-ia no Estádio Olímpico de Amesterdão, palco onde a seleção portuguesa de futebol tinha, em 1928, alcançado a sua primeira vitória internacional em território estrangeiro.

Com a segunda vitória internacional do Benfica, repetir-se-ia a jubilação na imprensa – acompanhada de referências políticas – ao sucesso do «esplêndido grupo de Portugal integrado de jogadores portugueses, apenas portugueses»¹² e repetir-se-ia a receção triunfal aos jogadores prestada por milhares de lusos que esquecendo as «suas cores clubistas e esquecendo, porventura paixões e preocupações de outra índole, acorreram ao Aeroporto de Lisboa»¹³.

Entre as crónicas referentes ao jogo de Amesterdão, destaca-se a concebida por Nelson Rodrigues¹⁴ no periódico brasileiro *O Globo*, e reproduzida através do jornal *A Bola*. Na sua crónica transparece o potencial simbólico de representação nacional gerado em competições desportivas internacionais quando afirma, após o golo do empate do clube português, que quem jogava não era mais o Benfica, pois «um simples clube não faria tanto. Era Portugal. Há momentos em que um clube é a própria pátria em calção e chuteiras», ao mesmo tempo que metaforizava a expansão marítima portuguesa: «Ao soar o apito final, os azulejos de São Januário¹⁵ deviam exalar um cheiro de algas fantásticas... Foi tal a minha integração lusa que, no quinto *goal*, cheguei a me sentir de olho vazado como um Camões»¹⁶.

¹¹ O encontro teve lugar em Amesterdão, a 2 de mai. de 1962. O Benfica sairia vitorioso por 5-3, com golos de José Águas, Domiciano Cavém, Mário Coluna e Eusébio (2).

¹² In *A Bola*. Lisboa: Sociedade Vicra Desportiva. Ano 17, 3 de mai. de 1962.

¹³ Idem, 5 de mai. de 1962.

¹⁴ Escritor, dramaturgo e jornalista do periódico brasileiro *O Globo*.

¹⁵ Azulejos evocativos das descobertas portuguesas.

¹⁶ In *A Bola*, 7 de mai. de 1962.

Após o regresso dos bicampeões europeus, a equipa do Benfica voltaria, num cerimonial idêntico ao sucedido um ano antes, a ser homenageada pelas autoridades portuguesas.

Analisando agora o acompanhamento discursivo da imprensa aos jogos da seleção portuguesa de futebol, verifica-se que, ainda antes da década de 1960 e do início da guerra colonial, encontramos referências – nacionais e internacionais – sobre a utilização, por parte de Portugal, de jogadores de origem colonial.

Assim, em 1957, a realização de um jogo entre as seleções de Portugal e da Itália¹⁷, provocaria uma alteração entre periódicos dos dois países. Após o jornal *A Bola* afirmar que Portugal iria jogar contra a «Itália+Argentina+Uruguai», numa alusão aos vários jogadores naturalizados da formação italiana, a imprensa transalpina reagiria declarando que os portugueses entrariam no jogo com elementos de origem colonial, pelo que, dessa forma, não deveriam ser considerados portugueses.

A resposta de *A Bola* seria contundente e carregada de uma retórica nacionalista da legitimação colonial portuguesa:

Portugal levou a Milão... onze atletas nascidos e criados em terra portuguesa, filhos de pais portugueses, servidores, se for preciso, do Exército português, falando português, sentindo em português. A Itália apresentou um conjunto em que havia italianos e oriundos. Oriundos pagos a peso de ouro¹⁸.

¹⁷ O jogo relativo à qualificação para o Campeonato do Mundo de 1958, na Suécia, disputou-se em Milão, no dia 22 de dezembro, resultando na vitória da seleção italiana por 3-0.

¹⁸ In *A Bola*. Lisboa: Sociedade Vicra Desportiva. Ano 13, 23 de dez. de 1957.

De regresso à década de 1960, e após um jogo disputado, em Londres contra a Inglaterra no final de 1961¹⁹, um texto de *A Bola* retomaria a associação entre a origem dos jogadores portugueses, os descobrimentos e os territórios portugueses em África, ao reforçar que entre os onze jogadores que estiveram em campo «dez (!) são de fora do continente lusitano. (...) Este caso ajuda a compreender toda a história de um povo que (...) teve de se atirar aos mistérios dos mares sem fim e realizar, quase à força, segundo um evidente fatalismo geográfico, a epopeia sem par dos descobrimentos»²⁰.

Mundial de 1966 – A afirmação da seleção

No que diz respeito ao Mundial de 1966, o trajeto português começara no ano anterior, no qual Portugal viria a alcançar uma conjugação de resultados sem paralelo até então, com 13 jogos consecutivos sem perder tendo, nesse período, registado dez vitórias.

Aquela caminhada da seleção permitiria a Portugal atingir, pela primeira vez – irrepetível até ao Campeonato da Europa de França, em 1984 – a fase final de uma grande competição internacional, executando a participação nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, em 1928, para os quais não existira fase de qualificação.

Seria no ano de 1966, com a presença da seleção portuguesa na fase final do Campeonato do Mundo de Futebol de Inglaterra, que o discurso reproduzido pela imprensa reverberaria uma particular orientação política, em função da atual realidade portuguesa, validando a história lusitana e a sua matriz imperial.

¹⁹ O jogo decorreu no dia 25 de dezembro, enquadrado na fase de qualificação para o Campeonato do Mundo de 1962, no Chile. A Inglaterra venceu por 2-0.

²⁰ In *A Bola*, 28 de out. de 1961.

Antes do início da competição, encontravam-se já na imprensa alusões à importância do futebol para o país e da representação do mesmo que a seleção adquiriria. A este propósito, o *Diário da Manhã* (periódico oficioso do regime) afirmava que o futebol revelava-se «um grande galvanizador de energias que bem compreendidas não fazem mal a ninguém!», tornando-se os jogadores nacionais «a própria personificação do querer português!»²¹.

Também o *Norte Desportivo* aludia, na análise a um jogo particular realizado com a Roménia²², na cidade do Porto, à especificidade colonial do conjunto português, com uma seleção «representada por quatro ultramarinos que são dos mais valiosos elementos: Vicente, Coluna, Eusébio e Hilário»²³.

O discurso de unidade multirracial e imperial por parte da imprensa iria contribuir para congregar os portugueses e defender a posição internacional do governo português relativamente às suas colónias.

Durante o Mundial, os órgãos de comunicação social uniriam a nação em volta da seleção portuguesa, permitindo simultaneamente o acompanhamento em direto dos jogos e gerando um clima de euforia por todo o país. Verificou-se também durante a competição um incremento nas vendas dos jornais, originando um crescimento na tiragem que chegou a atingir os 200 000 exemplares diários²⁴.

A vitória da seleção portuguesa no seu jogo de estreia do Mundial, contra a Hungria²⁵, daria o mote para a generalidade das retóricas

²¹ In *Diário da Manhã*. Lisboa: Companhia Nacional Editora. Ano 36, 11 de jul. de 1966.

²² O jogo de preparação realizou-se no dia 3 de julho de 1966 e terminou com a vitória da seleção portuguesa por 1-0, com um golo de Torres.

²³ In *Norte Desportivo*. Porto: Impressora do *Primeiro de Janeiro*. Ano 30, 3 de jul. de 1966.

²⁴ Cf. PINHEIRO, Francisco – *Ibidem*, p. 75.

²⁵ O jogo disputou-se no dia 13 de jul. de 1966, em Manchester. Portugal venceria a Hungria por 3-1 com golos de José Augusto (2) e Torres.

discursivas de associação à nação, como a referida pelo *Diário Popular*, relatando a explosão de alegria com a vitória e afirmando que não «era, somente, o golo obtido por uma equipa – era, sim, um golo de ‘todos nós’»²⁶.

Com nova vitória no segundo jogo perante a Bulgária²⁷, *A Bola* sublinhava em primeira página, com a expressão «‘Lovely’ Vicente pretinho de ouro!»²⁸, a característica multirracial de Portugal e a importância do contingente colonial da seleção, secundada pelo *Diário de Lisboa* que na crónica do jogo destacava quatro jogadores, três deles de origem africana: «Nos melhores jogadores do ‘Mundial’ figuram Coluna, Vicente, Torres e Eusébio»²⁹.

Após as duas primeiras vitórias portuguesas, promovia-se na imprensa e, nomeadamente em *A Bola*, um estilo português que casava características europeias, latinas e africanas, numa «retórica da proximidade cultural e histórica a África e ao Atlântico»³⁰, posicionando os jogadores:

Entre os ‘intuitivos’ do futebol... por implicação da nossa realidade extracontinental, que nos permite a utilização do negro e do mestiço da África Portuguesa, uma estranha maneira ‘euro-latino-africana’, que nos classifique como os europeus menos europeus do velho continente³¹.

²⁶ In *Diário Popular*. Lisboa: Radioprel – Sociedade de Atividades Gráficas e Editoriais, Limitada. Ano 24, 14 de jul. de 1966.

²⁷ O jogo disputou-se no dia 16 de jul. de 1966, em Manchester. Portugal venceria a Bulgária por 3-0 com golos de Eusébio, Torres e Vutzov (na própria baliza), José Augusto (2) e Torres.

²⁸ In *A Bola*. Lisboa: Sociedade Vicra Desportiva. Ano 21, 18 de jul. de 1966.

²⁹ In *Diário de Lisboa*. Lisboa: J. Manso. Ano 46, 18 de jul. de 1966.

³⁰ COELHO, João Nuno – *Portugal, a Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 124.

³¹ In *A Bola*, 18 de jul. de 1966.

Do terceiro jogo com o Brasil³² resultaria a terceira vitória consecutiva dos portugueses. A narrativa construída, pela imprensa, após o pleno de vitórias na primeira fase da competição deixava antever a importância concedida ao jogo pela população portuguesa, através de crónicas que relatavam o grande acompanhamento dado pela população portuguesa ao jogo com o Brasil – deixando o país em suspenso durante noventa minutos – bem como a festa que se seguiria pelas ruas após o fim da contenda.

O interesse inusitado dos portugueses atravessaria fronteiras e géneros, atraindo mesmo quem nunca se interessara pela modalidade, percepção sublinhada pelo *Diário Popular*, ao ecoar o testemunho de uma portuguesa residente em Inglaterra: «O Senhor não calcula o que é estarmos afastados do País e sentirmos agora esta alegria imensa de ouvir toda a gente a dizer bem de nós e vermos os portugueses a jogarem daquela maneira, aqui, em Inglaterra! Eu que nunca fui ao futebol...»³³.

Na imprensa internacional, a equipa portuguesa viria também a ser valorizada e, em particular, alguns dos seus executantes de origem colonial.

Após a vitória de Portugal sobre o Brasil, textos panegíricos surgiam em periódicos ingleses como o *The Guardian*: «Nunca vimos um jogador com um remate como Eusébio, nem que cubra o terreno como Coluna» e o *Daily Sketch* «Vicente é o defesa mais fino do futebol mundial desde 1954 (...). Eusébio estava a desafiar Pelé para o título de melhor jogador do Mundo. Ontem à noite, roubou-lhe o título»³⁴.

³² Jogo disputado no dia 19 de jul. de 1966, em Liverpool. Portugal venceria o Brasil por 3-1, com golos de Simões e Eusébio (2).

³³ In *Diário Popular*, 20 de jul. de 1966.

³⁴ MELO, Afonso – *Cinco Escudos Azuis: a História da Seleção Nacional de Futebol de 1921 até aos nossos dias*. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 171-174.

Após três vitórias em outros tantos jogos, a seleção portuguesa criava as condições para uma associação mais clara entre o desporto e a sua representação política, no caso do *Diário de Lisboa* em alusão à independência portuguesa sobre a grande potência futebolística da época, o Brasil, que ofuscava o pequeno Portugal desportivo, numa inversão da história política dos dois países: «Desde o Grito do Ipiranga que não havia momento mais emocionante – e mais explosivo – na história das relações luso-brasileiras do que o grito de Liverpool. (...) E é, com efeito, de um movimento de independência»³⁵.

Nos quartos de final da competição, a seleção viria a ter como oponente a Coreia do Norte e o jogo saldara-se-ia em nova vitória portuguesa³⁶.

Este jogo ficaria marcado por uma recuperação épica do selecionado português, sustentada numa não menos homérica atuação de um jogador proveniente de Moçambique, Eusébio, que alcançaria nesse dia o seu olimpo³⁷. A fusão de uma grande vitória e de uma brilhante exibição de um jogador negro de origem colonial, potenciaria a retórica patriótica e imperial de Portugal.

Deste modo, é natural que surjam na imprensa discursos que incensam Eusébio, jogador com enorme impacto também em Inglaterra: «enlouqueceu positivamente os ingleses! (...) Entregando-lhe... todos os títulos que eram propriedade exclusiva de Pelé»³⁸, e classificando-o como o novo «rei posto» do futebol, materializando «sozinho, toda a ambição da equipa portuguesa...»³⁹.

³⁵ In *Diário de Lisboa*, 20 de jul. de 1966.

³⁶ O jogo foi disputado em Liverpool, no dia 23 de jul. de 1966. Portugal venceria a Coreia do Norte por 5-3, com golos de Eusébio (4) e José Augusto.

³⁷ Aos 23 minutos de jogo, a seleção portuguesa encontrava-se a perder por 0-3. Eusébio com quatro golos consecutivos, dois em cada parte, contribuiria decisivamente para a vitória de Portugal.

³⁸ In *Record*. Lisboa: Radioprel - Sociedade de Atividades Gráficas e Editoriais, Limitada. Ano 17, 26 de jul. de 1966.

³⁹ In *Norte Desportivo*, 24 de jul. de 1966.

O *Diário Popular* aproveitaria para questionar retoricamente os leitores sobre o mais espetacular futebolista do Mundial, destacando a magia negra de Eusébio, afirmando que os coreanos «não poderão mais esquecer o demónio cor de ébano com fogo no coração e poder explosivo nas suas botas. O seu nome é Eusébio, a pantera negra de Moçambique»⁴⁰.

A matriz imperial e multirracial e a putativa unidade de Portugal estaria presente nas análises à campanha lusitana exibida por «onze jogadores, bem representativos na variedade das raças e da unidade da alma deste povo...»⁴¹, com referências que iam desde a soma da população portuguesa, em que Eusébio teria sido «cardiologista de 25 milhões de corações»⁴² até à genuína felicidade do povo da nação: «Em Portugal, no Continente, no Ultramar, em toda a parte onde haja um português, há alegria»⁴³, numa clara alusão ao conjunto do território português que abarcava as colónias africanas.

A épica vitória de Portugal sobre a Coreia do Norte voltaria a ser alvo de destaque na imprensa internacional. Nos discursos da imprensa, repetia-se o destaque dado a Eusébio, o jogador de origem moçambicana. Encontram-se, entre outros exemplos, os casos dos britânicos Alan Hoby no *Sunday Express*, que aludia ao jogador-demónio «de cor de ébano com jogo no coração e poder explosivo nas botas – Eusébio – o mais espetacular jogador da Taça do Mundo e que agora supera Pelé. Ele é magia negra, génio puro e instintivo» e de Ston Liversedge no *The People*, afirmando que «Eusébio é irresistível como uma catarata»⁴⁴.

⁴⁰ In *Diário Popular*, 24 de jul. de 1966.

⁴¹ In *Diário da Manhã*, 24 de jul. de 1966.

⁴² In *A Bola*, 25 de jul. de 1966.

⁴³ In *Norte Desportivo*, 24 de jul. de 1966.

⁴⁴ MELO, Afonso – *Ibidem*, p. 175-176.

Depois de um trajeto surpreendente, Portugal seria afastado da final após perder com a seleção anfitriã da Inglaterra nas meias-finais⁴⁵. No entanto, terminaria o Mundial com uma nova vitória contra a URSS, alcançada no jogo de atribuição do terceiro lugar⁴⁶.

Terminada a caminhada de Portugal no Torneio, haveria ainda espaço para mais algumas apreciações, também de caráter político, da imprensa estrangeira acerca do trajeto português. Nestas, Eusébio – melhor marcador do Mundial, com nove golos – surgia como personagem principal.

O periódico francês *Le Monde* fazia referência a «um jogador escuro, da equipa de um pequeno país» que impor a sua lei, que se deveria agradecer a Eusébio pelas exibições que «talvez tenham um significado simbólico. Nesta época da «Marcha da Paz» e da «Marcha contra o Medo», não é apenas com os pés que se defende a humanidade»⁴⁷.

Mas no jornal inglês *Daily Express*, a referência a Eusébio aparecia associada à questão colonial, sugerindo-se a «exclusão de Eusébio, por ser de Moçambique», insinuação contestada pelo jornalista português, aludindo às lágrimas portuguesas de Eusébio «quando chorou no campo por se haver perdido o desafio com a Inglaterra» e a uma suspeita interpretação política por parte do jornalista «inglês a acicular de politiceira despeitada pela política internacional»⁴⁸.

Já em Portugal, viveu-se um clima de enorme entusiasmo com o sucesso alcançado pela seleção portuguesa, pelo que não surpreendeu

⁴⁵ O jogo foi disputado no dia 26 de julho de 1966, em Londres. Portugal perderia com a Inglaterra por 1-2, com o golo português de Eusébio a ser insuficiente para contrariar os dois golos ingleses da autoria de Bobby Charlton.

⁴⁶ Jogo disputado no dia 28 de julho de 1966, em Londres. Portugal venceria a URSS por 2-1, com golos de Eusébio e Torres.

⁴⁷ In *A Bola*, 30 de jul. de 1966.

⁴⁸ In *Idem*, 4 de ago. de 1966.

a receção patriótica dispensada pela população da metrópole aos «heróis de Inglaterra».

Deste modo, as vitórias portuguesas no Mundial de 1966 tornaram-se politicamente apeteceíveis, originando receções de Estado por parte do Presidente da República, Américo Tomás e do Presidente do Conselho, António Salazar. Os principais dirigentes políticos do Estado Novo, «relativamente discretos no apoio à seleção, não deixaram de ver com agrado os sucessos de um conjunto (...) que espelha, aparentemente, a pluralidade de uma nação atacada no seu âmbito colonial»⁴⁹.

Acolhida por Américo Tomás, a seleção ofertaria o sucesso alcançado aos militares portugueses que combatiam em África contra os grupos independentistas. A este respeito, o Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Justino Pinheiro Machado, não poderia ter sido mais explícito, pedindo «autorização para entregar a V. Ex.^a o prémio conquistado e, na pessoa do Chefe de Estado, ao povo português, especialmente àqueles que combatem no Ultramar em defesa da Pátria»⁵⁰. Simultaneamente, Américo Tomás aproveitaria para associar o feito futebolístico a um revivalismo histórico da própria criação da nacionalidade, ao afirmar que os jogadores, com o esforço despendido, «foram dignos dos portugueses do tempo do Infante D. Henrique»⁵¹.

O séquito seria também recebido pelo Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar. Este, sublinhando a defesa dos valores morais, agradeceu «o prestígio que conquistaram para o País, mesmo para além do mundo do desporto. Frisou que o interesse fundamental não era ganhar o campeonato, embora se tal título fosse

⁴⁹ SERRADO, Ricardo e SERRA, Pedro – *História do Futebol Português*. Vol. I. Lisboa: Prime Books, 2010, p. 427.

⁵⁰ In *Diário da Manhã*, 2 de ago. de 1966.

⁵¹ Idem – *Ibidem*.

conquistado melhor seria, quer para o desporto português, quer para o próprio país»⁵².

Conclusão

No início da década de 1960 tornou-se perceptível na imprensa um registo discursivo que, à referência patriótica, acrescentaria a retórica imperial, numa relação entre a política e o desporto. A análise efetuada às vitórias internacionais do futebol português revelaria sinais de «aproveitamento político, em especial uma espécie de 'luso-tropicalismo banal' defensor da razão de um império colonial»⁵³ que sofria com a guerra iniciada em 1961. Se aquando das conquistas europeias do Benfica, em 1961 e 1962, tais registos se tornaram visíveis, no ano de 1966 e particularmente no Mundial de Inglaterra, os mesmos foram aumentados, quer pelo maior potencial patriótico de uma seleção representativa de uma nação, quer pela maior pressão da comunidade internacional acerca do conflito colonial entre Portugal e os seus territórios em África.

Após o Mundial, continuavam a surgir discursos que sublinhavam a especificidade do povo português e a sua histórica sustentação imperial, afirmando-se que o sucesso da seleção adviria de uma feliz ligação: «O futebol português, com a unidade rática de um país pluricontinental e plurirracial, será, na Europa, a expressão acabada da conciliação do praticante dos trópicos... com o praticante europeu»⁵⁴.

⁵² Idem, 3 de ago. de 1966.

⁵³ DOMINGOS, Nuno e KUMAR, Raúl – «A Grande Narrativa Desportiva: O Desporto nos *Media* em Portugal». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *Uma História do Desporto em Portugal-Nação*. Vol. I. *Corpo, espaços e media*. Vila do Conde: QUIDNOVI. 2011, p. 256.

⁵⁴ In *A Bola*, 4 de ago. de 1966.

O trajeto da seleção no Mundial de 1966 conjugado com a proveniência dos seus componentes, numa associação multirracial e pluricontinental, permitiria sublinhar a política oficial do Estado Novo, na defesa do indivisível Portugal, em função das vitórias de uma modalidade que «de Lisboa a Timor, acrescentou um grau novo ao orgulho de se ser português»⁵⁵.

A seleção afirmara-se como um virtuoso instrumento ao serviço da retórica de defesa do império português. Um texto de *A Bola* poderá servir como sintetizador da relevância da seleção nacional de futebol para o engrandecimento de uma nação imperial:

Milhões de pessoas, de países rivais, contemplaram como os séculos das pirâmides egípcias ao exército napoleónico, esses rapazes de várias raças, com nome e batismo português, que exibiam a tenacidade e aventura dos que os procederam e descobriram mundos. Portugal entrou, pelo virtuosismo de Eusébios e Colunas, em fronteiras e lares que lhes seriam defesos (...) ⁵⁶.

Assiste-se, deste modo, e em função da realidade política portuguesa, a uma retórica de associação entre o futebol e a política ultramarina, num período em que o governo português apostava de forma empenhada na manutenção dos territórios africanos.

Sujeito a críticas ferozes pela irredutibilidade de Salazar em aceitar o diálogo conducente a negociações para a descolonização em África, os governantes receberiam com particular satisfação o contributo da imprensa para a validação daquela política, a partir do sucesso das equipas nacionais, na década de 1960.

A seleção nacional de futebol, bem como a equipa do Sport Lisboa e Benfica, ao ser pontuada com destacados jogadores oriundos das

⁵⁵ Idem – Ibidem.

⁵⁶ Idem – Ibidem.

colónias africanas, irá proporcionar ao futebol assomar-se como retórica propagandística do regime, pelo facto de os sucessos alcançados serem contemporâneos do conflito colonial. Desse modo, o Estado Novo viria a beneficiar «da projeção mediática e internacional da cultura popular desportiva para reforçar uma retórica imperial luso tropicalista»⁵⁷, permitindo validar a guerra colonial e o Portugal imperial, pluricontinental e multirracial preconizado pelo Estado Novo.

A matriz multirracial, primeiro do Benfica e depois da seleção nacional no campeonato do mundo, concorreria para dar uma imagem de um unido Portugal imperial, em que a seleção foi «perante uma comunidade internacional hostil para com a guerra colonial portuguesa, uma demonstração da unidade racial portuguesa e da unidade do império, assim como uma legitimação do mesmo»⁵⁸, possibilitando ao país esquecer a penosa realidade em que se encontrava, com um atraso industrial e uma guerra colonial que concorriam para agravar a crise económica e favorecer a elevada taxa de emigração verificada naquele período.

A demonstração da unidade imperial e racial associada às equipas nacionais seria sublinhada, na imprensa, pela generalidade daqueles que acompanhavam mais diretamente a modalidade e sobre os quais recaía uma maior mediatização – desde jogadores a dirigentes desportivos e políticos – passando pela retórica jornalística que proclamava a virtude de um futebol português que poderia «atingir na sua expressão ‘latina-europeia-africana’, um estilo de jogo notável quanto

⁵⁷ DOMINGOS, Nuno – «O desporto e o Império português». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *Uma História do Desporto em Portugal*. Vol. II. *Nação, Império e Globalização*. Lisboa: Quidnovi, 2011, p. 71.

⁵⁸ SERRADO, Ricardo – *O Jogo de Salazar – A Política e o Futebol no Estado Novo*. Lisboa: Oficina do Livro, 2009, p. 155.

a conteúdo competitivo... através das virtudes ráticas de um povo para o qual nunca houve impossíveis...»⁵⁹.

Simultaneamente, a imprensa destacaria relatos de alegria do cidadão comum, por um sucesso que confirmaria a putativa unidade imperial lusitana, dando voz ao júbilo de portugueses anónimos espalhados pelos territórios portugueses em África: «Um leitor de Lourenço Marques... escreve-nos uma carta edificante em que narra o entusiasmo das gentes moçambicanas, de todas as raças, credos e posições, e alvitra várias homenagens e prendas aos rapazes da seleção»⁶⁰.

Deste modo, a imprensa – não sendo imune ao tempo histórico em que vive – contribuiu para que se adquirisse uma particular representação política do país, numa relação de «90 minutos do jogo de futebol com um tempo histórico da nação e da cultura nacional»⁶¹. O período em que Portugal se encontrava, pressionado internamente e isolado internacionalmente, e a difícil realidade política vivida, influenciou os discursos da imprensa sobre o futebol, nomeadamente no sentido de validar a propriedade das possessões coloniais africanas e a matriz imperial dos portugueses.

Fontes

A Bola. Lisboa: Sociedade Vicra Desportiva. Ano 13, 1957 a Ano 21, 1966.

Diário da Manhã. Lisboa: Companhia Nacional Editora. Ano 31, 1961 a Ano 36, 1966.

Diário de Lisboa. Lisboa: J. Manso. Ano 46, 1966.

Diário Popular. Lisboa: Radioprel – Sociedade de Atividades Gráficas e Editoriais, Limitada. Ano 24, 1966.

⁵⁹ In *A Bola*, 4 de ago. de 1966.

⁶⁰ Idem – Ibidem.

⁶¹ NEVES, José – «O eterno fado dos últimos trinta metros – futebol, nacionalismo e corpo». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2004, p. 104.

- Lei n.º 2104. *Diário do Governo n.º 126/1960, I Série* (30 de maio de 1960).
Norte Desportivo. Porto: Impressora do *Primeiro de Janeiro*. Ano 30, 1966.
Record. Lisboa: Radioprel - Sociedade de Atividades Gráficas e Editoriais, Limitada. Ano 17, 1966.

Referências bibliográficas

- BILLIG, Michael – *Banal Nationalism*. London: Sage Publications, 1995, 200 p. ISBN 9780803975255.
- COELHO, João Nuno – *Portugal, a Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento, 2001, 240 p. ISBN 9789723605815.
- e PINHEIRO, Francisco – *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002. 712 p. ISBN 9789723606249.
- DOMINGOS, Nuno – «O desporto e o Império português». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *Uma História do Desporto em Portugal*. Vol. II. *Nação, Império e Globalização*. Lisboa: Quidnovi, 2011, p. 51-107. ISBN 9789895548873.
- e KUMAR, Raúl – «A Grande Narrativa Desportiva: O Desporto nos *Media* em Portugal». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *Uma História do Desporto em Portugal*. Vol. I. *Corpo, Espaços e Media*. Vila do Conde: QUIDNOVI, 2011. p. 207-310. ISBN 978-989-554-887-3.
- ELIAS, Norbet and DUNNING, Eric – *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, 421 p. ISBN 9789722902038.
- GRABER, Doris – «Mediated Politics and Citizenship in the twenty-first century». *Annual Review of Psychology*. Palo Alto: Annual Reviews. ISSN 0066-4308. Vol. 55, 2004. p. 545-571.
- HOBBSAWM, Eric – *Nações e Nacionalismo desde 1870*. Lisboa: Terramar, 1998, 200 p. ISBN 9789727101931.
- KUMAR, Rahul – «Da Bancada aos Sofás da Europa – Apontamentos sobre os *Média* e o Futebol no Século XX Português». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 231-262. ISBN 978-972-37-0908-7.
- MELO, Afonso – *Cinco Escudos Azuis: a História da Seleção Nacional de Futebol de 1921 até aos nossos dias*. Lisboa: Dom Quixote, 2004, 352 p. ISBN 9789722026406.
- NEVES, José – «O eterno fado dos últimos trinta metros – futebol, nacionalismo e corpo». In NEVES, José e Domingos, Nuno – *A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2004, p. 103-141. ISBN 978-972-37-0908-7.
- e RODRIGUES, João – «Do amor à camisola – notas críticas da economia política do futebol». In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol. O Jogo visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2004, p. 165-229. ISBN 978-972-37-0908-7.

- PINHEIRO, Francisco – «Futebol e Política na Ditadura – Factos e Mitos». In TIESLER, Nina Clara e DOMINGOS, Nuno – *Futebol Português – Política, Género e Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012, p. 47-82. ISBN 978-972-36-1242-4.
- *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011, 478 p. ISBN 9789723611403.
- SERRADO, Ricardo – *O Jogo de Salazar – A Política e o Futebol no Estado Novo*. Lisboa: Oficina do Livro, 2009, 228 p. ISBN 9789724619170.
- e SERRA, Pedro – *História do Futebol Português*. Vol. I. Lisboa: Prime Books, 2010, 672 p. ISBN 9789896550646.
- VIEIRA, Joaquim (Dir.) – *Crónica de Ouro do Futebol Português – A Seleção*. Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores. 2008. 223 p. ISBN 978-972-27-1992-6.